

A EXATA ORIGEM DA PALAVRA GLAUCOMA E O TIPO DE OFTALMOPATIA A QUE BEM SE AJUSTA (*)

PAIVA GONÇALVES (**)
(Guanabara)

Ao excorgitarmos sôbre o que se deve entender por glaucoma e melhormente o definir, fomos levados a proceder a investigações etimológicas sôbre "**ce vieux mot, pitteresque et vague**" (Onfray e Tessier), tido por parte de Marquez como "**la voz de las más improprias da nomenclatura oftalmológica**". A invasão a seara alheia fêz-se-nos impositiva por nos parecer que acabaria por dar sólido escoramento ao ponto-de-vista que há algum tempo estamos a esposar, de que só merece receber tal nome o que hoje-em-dia se chama glaucoma simples. Ao que se costuma denominar "glaucoma por fechamento de ângulo", "glaucoma secundários" e outros mais, pretendemos proscritos sejam do capítulo da Oftalmologia reservado ao estudo de glaucoma ou, quando muito sejam classificados como condições "glaucomatóides". Sentimos ser o postulado ambiciosa pretensão. Mas estamos convictos corresponder a uma realidade que, por tradição e certo comodismo, se tem ignorado. Não iremos, neste trabalho, repetir argumentação justificadora de nossa proposição, já alhures desenvolvida (1), e transposta em letra de fôrma em uma de nossas publicações médicas (2). Por agora, cuidaremos tão só de questão filológica, a qual, há de se ver, estreita ligação tem com a tese defendida.

Foi precisamente no curso de tal perquirição que caíu-nos sob os olhos uma contribuição a elucidação do problema subscrita por MESSENGER. Na página 264 do número de setembro de 1964 de "Archives of Ophthalmology" vem estampado o estudo, por êle feito, das raízes etimológicas do verbete. Em seu entender não tem a palavra glaucoma a significação que lhe dão nem se justifica insistam em fazê-la cognata de "glauco" (do grego, **glaukós**, pelo latim **glaucu**) a eprimir "côr pálida entre o verde e azul", ou mais especificamente, "azulado tirante ao verde". Não admite, êsse autor tenha

(*) Tema Livre apresentado ao XIV Congresso Brasileiro de Oftalmologia.

(**) Prof. da E. Pós-Grad. Méd. Carlos Chagas, Docente da Univ. do Brasil e da Esc. Méd. Cir., Titular da A.N.M., C.B.C., S.B.O.

(1) Conferência pronunciada na sessão magna de aniversário da Acad. Paulista de Oftalmologia, em 9 de maio de 1966: DA NECESSIDADE DE SE REFORMULAR ARRAIGADO CONCEITO CLÍNICO E CORRIGIR-SE UM POSSÍVEL ERRO SECULAR.

(2) Rev. Bras. Oft.

sido a aparência cromática da área pupilar a razão pela qual os antigos gregos promoveram a introdução do nome **glaukoma** na linguagem médica. Com efeito, na época ainda não estava individualizado o glaucoma. Catarata, glaucoma e outras enfermidades integravam um mesmo grupo, o das doenças do humor vítreo. Como escrevem WEISTEIN e FOLDES: “**In ancient times, therefore, the word glaucoma did not correspond with the concept of the pathological picture of to-day. Glaucoma and cataract remained unseparated for centuries**”.

Foi em 1709 que BRISSEAU proclamou não ser glaucoma enfermidade do cristalino. KEPLER e MÂITRE-JEAN também anunciaram a mesma verdade ajudando, assim, a justificar se devesse distinguir no grupo das **typhlosis** (cegueira) a **amaurosis** — perda da visão sem sinais objetivos — e **glaukosis**, reservada para olhos cegos a mostrarem reluzência ou brilho vidrado na área pupilar.

Sublinha MESSENGER ser **glaukoma** o nome que os gregos utilizavam no registo de sintoma que corresponde em inglês a **glaze**. **Glaukoma** e **glaze**, essas sim, afirma-o sem titubear, são palavras cognatas, etimologicamente correlacionadas. E vai mais longe: “A palavra **glaukoma** não tem referência alguma a qualquer côr em particular, como cinza, verde ou azul, a despeito das imaginações e fantasias etimológicas dos autores; não há razões históricas nem etimológicas que levar a associar a idéia de alteração cromática patológica à condição que conhecemos como glaucoma”.

Emprestar, pois, ao vocábulo o significado intrínseco de determinada coloração, querendo fazer crer que nêle está implícita a idéia, ou seja a sensação visual verdemar, esverdeada ou de uma das numerosas nuances de verde, é favorecer ancoramento de preconceitos diagnósticos e possibilitar erros do gênero. No glaucoma jamais constitui regra a modificação cromática do negro pupilar e, além do que a citada reflexão colorida também pode ser observada em outras condições patológicas, como as sediadas no cristalino ou em membranas profundas do olho e, também o pode, no envelhecimento cristalino, podendo ser tido como fenômeno fisiológico involutivo.

Em outro passe de mesmo artigo adita MESSENGER: “Nem mais remotamente foi glaucoma considerado tumor. A terminação **oma** é enganadora; em glaucoma está ela a integrar a palavra como um todo, não sendo sufixo com o sentido que modernamente lhe emprestam. No setor oftalmológico outras antigas palavras gregas, como **skotoma**, **leukoma**, nada têm de tumor ainda que terminem em **oma**” (3). A seu ver, glaucoma é **fully naturalized english word**, tendo sido empregada pela primeira vez, como a

(3) Não se trata de afirmação gratuita haver quem acredite a terminação ser decorrência da idéia de formação tumoral. Ou pensar-se que somente autores sem credenciais tenham subscrito tal coisa. Silveira Bueno, p.ex., filólogo dos mais acatados e autor do “Grande Dicionário Prosódico” assim define glaucoma: tumor dos olhos, tornando opaco o humor vítreo. Torna-se a pupila rígida e azulada. Latim **glaucoma**. Grego, **glaukós**, azul e **oma** termo indicante de tumor”. O cochilo do Mestre é flagrante, tanto sob ponto-de-vista médico como etimológico.

entendemos nos dias correntes, por G. J. GUTHRIE que da palavra se servia para nominar o endurecimento do globo ocular característico, para **the hardness of the eye as characteristic which we called glaucoma**.

Estamos a entremear nas considerações de MESSENGER outras nossas. Antes de irmos mais além, transcreveremos duas de suas conclusões): 1) **Glaukoma** é palavra grega significando reluzência, brilho de vidro (**glaze**) sem relação alguma com qualquer côr. 2) Etimologicamente, no que concerne ao moderno significado da palavra, e no que tange à pretensão de se estabelecer ligação entre o nome e acolaração da pupila, a palavra é inepta, inconveniente e irrelevante”.

Pena faleça-nos autoridade para bonar o que ousada e irreverentemente é afirmado. Lástima não possamos considerar como passada em julgada a matéria exposta porquanto não é bem assim que consignam em suas obras autores tidos e havidos como autoridades em problemas etimológicos.

WEBSTER, definindo glaucoma, dá-la derivada do grego **glaukoma**, e essa de **glaukoz**, luz cinza, azul acinzentado; LITTRÉ, em seu clássico dicionário, também a faz derivada de **glaukos**; PEDRO PINTO, repete na 8.^a edição de Dicionário de Termos Médicos, a derivação de **glauco**, côr verde cinzenta. A. NASCENTES afirma como implícita no verbete glaucoma a côr verde-azulada, outro tanto o fazendo SILVA BASTOS em seu “Dicionário Etimológico, Prosódico e Orthogrâphico da Língua Portuguesa” ao passo que ALVARO MAGALHÃES, no “Enciclopédico Brasileiro Ilustrado” adianta que na doença “o campo pupilar toma uma côr azul esverdeado” (donde o seu nome, acrescenta). BRAIER na “Enciclopédica Médica” e Caldas Aulette no de sua autoria fazem o seguinte registro: “afecção dos olhos assim chamada pela côr esverdeada que toma a pupila” (4).

Outros dicionaristas, como MORAIS e SILVA e BUARQUE DE HO-LANDA, êsse no “Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa”, agem com mais discernimento, evitando referências à côr da pupila. Mais autores poderiam ser enfileirados, todos a ferirem a mesma tecla: a côr esverdeada ou cinza esverdeada está intimamente ligada ao nome glaucoma. Não importa venha a ser longa a séria dos que pensam de tal modo nem mesmo serem vozes ouvidas com respeito e acatamento em questões filológicas. Não faz mal que falem “ex-cathedra”. Não haveria de ser êste o primeiro exemplo de êrro que vem se perpetuando, nem singular mostra de flagrante deslize ou cochilo. Ou que seja origem fantasiosa saída da pena de consagrados etimologistas. É só consultar JOÃO RIBEIRO, MARIO BARRETO, PEDRO PINTO e outros mais para se ter prova que isso pode ocorrer.

-
- (4) Lembra João Ribeiro em “Curiosidades Verbais” que os gregos e assim os romanos não tinham o sentimento exato do azul, de que se aproximavam por imagens imperfeitas — **glauco**, **ciânico** e **cerúleo**. Tanto assim que substituíram o glauco e ciânico, de Homero, por cerúleo, que é apenas a côr do céu indistintamente. Em o “Dicionário Portuguez-Latino”, Bernardes Branco registra para verdemar, além do **glaucum**, **glauculus** e dá à palavra glaucoma o significado de “mal dos olhos que faz verde o humor cristalino”.

Em linguística costumam tais fatos motivar comentários jocosos, irônicos, críticas ferinas e candentes refutações, dando asa a que, por vêzes, se estabeleçam polêmicas que correm mundo (5). Diversamente ocorre porém, em matéria médica. Deve-se ter todo empenho na eleição de palavras admitidas em linguagem médica evitando-se imprecisões e não perfilhando-se derivações falsas ou fantasiosas.

Definir é delimitar, dar significado caracterizador ou, pelo menos, capaz de não provocar ambigüidades, confusões. Definir vem **de**, prefixo, e **fenire**, dar fim, terminar, concluir, conseqüentemente, definir é traçar os limites de alguma coisa, explicar atributos ou qualidades de algo. E, em Medicina, comunicar ao vocábulo escolhido, propriedades identificadoras de uma dada condição mórbida, doença, afecção ou síndrome.

Os que definem glaucoma desatendem, em sua maioria, ao preceituado em linguagem médica; talvez por se deixarem levar por injustificada conexão etimológica, como acima o dissemos; talvez por um tanto impreciso o conhecimento que se tem da doença; talvez, ainda, por quererem colocar em um mesmo grupo, sob a mesma rúbrica, estados patológicos que

- (5) Na introdução de "Frases Feitas" vêm reproduzidas passagens da polêmica que seu autor (J. Ribeiro) travou com o filólogo Leite de Vasconcelos, "cabeçudo e intratável" e capaz de "citações abusivas e equívocas". Também João Ribeiro, homem de cultura polifacetada, afirma, sem rodeios, que nossos dicionários são defeituosos. Corroborando não se deva ter por intocáveis pareceres emitidos por pesquisadores da língua, pelos que vivem adentrados nos arcanos filológicos, para consignar mais alguma coisa sobre o que uns dizem de outros. Com isso pre-munimo-nos de "habeas-corpus" para opinar e, até mesmo refutar o admitido. Leite de Vasconcelos depreciava Lang, acusando-o de "superficialidade em seus escritos". Nobiling foi apontado como abonador de "espúrias filiações etimológicas". Castro Lopes, a seu turno, não se pejou de inventar origens; quando não lograva encontrar as procuradas, forçava a mão e registava em "Origens dos Anexins" as que lhe pareciam prováveis, sem confessar, todavia, que eram hipotéticas. Num passo de "Escritos Anapígrafos" Pedro Pinto refere que Pedro Manuel Bernardes, em "Nova Floresta", perfilha etimologias fantásticas e que Meyer-Luebeck, etimologista de nomeada, não se arreceiou de estabelecer "etimologia desastrada, análoga a milhentas que se vêm num Dicionário Etimológico editado em 1952". O acusador amplia a lista incluindo Cândido Figueirêdo, "autor exagerado em assuntos de pureza vocabular e, às vêzes, muito distraído", de haver atribuído a Camilo o que êsse jámais escrevera. A evidência do menosprêso de uns etimologistas por outros, da existência de questões brutas e ótimos não suficientemente esclarecidos é de fácil colheita em obras da espécie. Acusações de infidelidade, imprecisão e imaginosas origens são, portanto, encontradiças. Ora, se homens afeitos aos problemas linguísticos podem pôr em páginas escritas "muita coisa inaceitável, falsa, errônea e absurda", como diz um dêles (J. Ribeiro na "Nota Suplementar de Curiosidades Verbais") por quê temermos sugerir correções etimológicas? Se bem não temamos, é, no entanto, com cautela e quase a pedir desculpas, que buscamos a sanção dos entendidos, sem desprezarmos, como diria Mario Barreto: "Os serviços dos gramáticos que se esforçam por expurgar, clarificar a língua, conservar suas tradições, como quem lava e alimpa a pérola das imundícias que a mancharam.

apenas têm de comum um dos sintomas do verdadeiro glaucoma, a hipertensão ocular.

A imprecisão e o embaraço de muitos estão manifestos na maneira como registam e procuram caracterizar em seus escritos e que se deve admitir como glaucoma.

Estamos a pugnar para que sòmente se aplique o nome glaucoma à manifestação clínica atualmente rotulada de “glaucoma simples”, fazendo-se, ademais, desvinculação de nome da coloração esverdinhada, cinza azulada. São nossas pretensões. Precisamos, todavia, de apoio dos que vieram a se convencer de que a razão está de nosso lado. Procuramos concutir convicções na esperança de evitar se façam definitivas meras conjecturas e supostas.

Não é improvável objetem ou melhor, estranhem não tenhamos ventilado em obra recente vinda à luz da publicidade (6), o que ora está sendo apreciado. Retrucaremos ter pretendido evitar na mesma, porque em co-autoria foi escrita, afirmações ou teses não socorridas por dados objetivos indisputáveis.

“Conquanto a palavra glaucoma esta etiologicamente desacertada, está ela enraizada tão profundamente na terminologia médica, que se não deve pensar em refugá-la”, escreveu Borges de Souza, de Lisbôa, acrescentando ainda: “o vocábulo consagrado pelo uso nos é necessário e útil por que exprime concisamente uma idéia complexa e um tanto obscura”.

Nosso colega luso revela conformismo que absolutamente não temos, da mesma maneira como não temos como válida a recomendação de FREMON-SMITH de se passar ao largo, visto não conceber se pèrca tempo discutindo o uso preferencial dêste ou daquêlê têrmo. Para êle bastará consignar em rodapé a que coisa a que se aplica o nome dado. **No one could argue about it**, afirma conclusivamente, acrescentando que quem assim proceder sentir-se-á **comfortable with it...**

Isso faz-me lembrar candidato a quem examinávamos na Faculdade de Medicina que respondeu a restrições que lhe fazíamos a sua tese, no que tange ao emprêgo de certos vocábulos e têrmos, de assim os usar por que era assim que os entendia, pouco lhe importando o aceito pelos cultores e guardiães do vernáculo.

MAUMENNEE, no “Symposium on Glaucoma” promovido pela New Orleans Academy of Ophthalmology (1957), da mostras de procurar escapar pela tangente declarando ser tão bem conhecida a entidade clínica (glaucoma primário) que lhe parece desnecessário deter-se alguém na definição, **unnecessary to dwell on a definition of the disease.**

Não vamos tão longe como BONNEFON ao sugerir que se prescreva o vocábulo por lhe imputar o crime de haver criado **une unité purement verbale entre des faits hétéroclites.** Fiquemos com o vacábulo mas o apliquemos corretamente e, o que também importa, sabendo suas exatas origens.

(6) GLAUCOMA. Coletânea de Trabalhos e Notas.

— Obra editada pelo Fundo Cultural Prociencx, São Paulo, 1966.

CONCLUSÕES

1 — É certo, absolutamente certo, não terem os antigos autores, ou por outra, os discípulos de Hipócrates individualizado como glaucoma a condição ocular assim chamada hoje-em-dia, e que denominavam de **glaukoma** enfermidades oculares as mais diversas;

2 — Parece bem procedente o alegado por MESSENGER de que não há conetações entre a palavra glaucoma e **glaukos** que significa, tal como **glaculus**, latino, verdemar.

3 — A palavra glaucoma passou para o português, através do latim, inteiramente formada. É, pois, descabido considerarem a terminação **oma** como sufixo indicativo de tumor; e

4 — Como já expuzemos em outro trabalho — do qual o presente nada mais é que mera complementação — glaucoma é nome que deve ser usado unicamente para identificar o que todos vem chamando de glaucoma simples. Outros nomes deverão ser convencionados para as demais enfermidades consideradas como outras tantas formas clínicas de glaucoma.